

O bairro como escala

Francisco Clébio Rodrigues Lopes

p. 288-297

revista



espaço e tempo

Volume 18, nº 2 (2014)

ISSN 2179-0892

Artigo disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/79546>

Como citar este artigo:

LOPES, F. C. R. O bairro como escala.

GEOUSP – Espaço e Tempo (Online), São Paulo, v. 18, n. 2, p. 288-297, 2014.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 3.0 License.

O bairro como escala

Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Resumo

Este ensaio teórico-prático foi desenvolvido a partir de estudos realizados na pós-graduação. Analisa o papel do bairro como mediação necessária ao entendimento da cidade, da região e dos vínculos mais gerais da sociedade. Tomamos como referencial empírico o bairro da Parangaba, na cidade de Fortaleza-CE. Por isso, resgatamos as noções de reprodução, cotidiano e escala cunhadas por autores marxistas. Depois, procedemos a pesquisa em jornais da cidade, entrevistamos moradores e colhemos dados estatísticos em órgãos oficiais. Concluímos que há uma espacialidade da reprodução apreensível no nível mais banal. Logo, por ser do âmbito qualitativo, o bairro deve ser investigado.

Palavras-chave: Reprodução. Urbano. Cotidiano. MetrÓpole. Escala.

The neighborhood as scale

Abstract

This article consists of a theoretical and practical essay, developed from post-graduation studies. Its goal is to analyze the role of the neighborhood as necessary mediation to understanding the city, the region and the wider society linkages. Used as an empirical framework – the neighborhood of Parangaba, located in Fortaleza-CE. So we rescued the notions of reproduction, daily life and scale, developed by Marxist authors. Subsequently, we researched in newspapers, we interviewed residents and we collected statistical data on official bodies. We concluded that there is a spatiality of reproduction, which may be captured in the most banal level. Wherefore the neighborhood for being the qualitative domain, it should be investigated.

Keywords: Reproduction. Urban. Everyday life. Metropolis. Scale.

Introdução

Recentemente, os jornais da capital cearense noticiaram o tombamento e restauro do Bar Avião (Figura 1), localizado na Avenida João Pessoa (Rocha, 2013). O nome advém de uma exótica caixa d'água em forma de aeronave situada na parte de cima do prédio e funcionou durante muito tempo como ponto de referência para aqueles que se dirigiam a Base Área

de Fortaleza, contudo, há 30 passou a sediar uma borracharia e está muito descaracterizado. Além da edificação, todo o entorno será revitalizado pelo metrô de Fortaleza (Metrofor), com a implantação de ciclovias, pista de skate, iluminação e quadra poliesportiva, pois compõe o projeto de urbanização da área de influência do elevador metroviário de Parangaba. O bar é o segundo bem tombado sob o trecho aéreo da linha sul do metrô; o primeiro foi a estação ferroviária (Figura 2) – todavia, a relação das duas edificações com seu respectivo entorno gera certo estranhamento, porque parecem desconectadas.

Figura 1

Bar Avião



fonte: Lima (2014).

Figura 2

Estação ferroviária da Parangaba



fonte: Lima (2014).

O bairro da Parangaba passa por intensas modificações resultantes de ações combinadas do Estado com o setor imobiliário, cuja finalidade é a reprodução social e capitalista. A implantação de estruturas homogêneas modernas (grandes superfícies comerciais, linhas metroviárias e corredores de ônibus) gerou um tecido fragmentado, no qual espaços do viver apenas se justapõem e em alguns casos parecem completamente desligados. Não encaramos esse caso como particular e sim como diferente, logo a produção da escala é uma exigência porque diante de processos homogeneizantes, ela “é o critério de diferença, não tanto entre lugares como entre tipos diferentes de lugares” (Smith, 2000, p. 142).

Acreditamos que há uma espacialidade da reprodução, passível de ser apreendida nas práticas mais ordinárias, contudo a cotidianidade atravessa diversos conjuntos espaciais o que dificulta a escolha de um nível ideal de estudo. Neste artigo, visamos analisar o uso do bairro como mediação necessária ao entendimento do cotidiano e da dinâmica mais geral da sociedade e do capital. Por isso, organizamos o texto em cinco seções, a segunda – após esta introdução, que é a primeira – analisa o papel do cotidiano no desenvolvimento capitalista; a terceira demarca a importância da escala; na quarta, realizamos um estudo teórico-prático a partir do caso de Parangaba. Seguem-se as Considerações Finais, constituintes do último segmento.

O cotidiano como objeto

Em tempos de crise de valorização, a produção mercantil deixou de ser um setor no quadro da vida social e passou a ocupar uma parte cada vez maior da vida tanto em extensão como em intensidade. Desse modo, o cotidiano aparece como plano privilegiado de análise porque a reprodução ampliada do capital e da sociedade atinge todas as esferas do vivido.

Privilegiar esse plano no desvendamento da realidade significa “lidar com alienações superiores à necessidade bruta de alimento, da casa, transcendendo o nível estrito da sobrevivência” (Damiani, 2005, p. 163). Portanto, em relação ao econômico (a capitalização mundial) e ao político (o Estado e a política) há uma ampliação do universo analisado com a inclusão de tantas outras relações entre os indivíduos e grupos.

O cotidiano inclui o homem inteiro em seus diferentes momentos (trabalho, vida privada, lazer, descanso e purificação), daí o seu caráter heterogêneo no que se refere ao conteúdo e à significação de nossos tipos de atividade. No entanto, de todos os âmbitos da realidade social é o que mais se presta a alienação porque o homem consumido por e em suas atribuições pode orientar-se na cotidianidade pelo simples cumprimento adequado dessas funções. A assimilação de normas habituais, necessidades estipuladas, modelos de comportamento e valores que se pretendem universais pode converter-se em conformismo porque o homem na circunstância de ser genérico apenas deseja uma “vida boa” sem conflitos.

Como humano-genérico, o indivíduo ainda tem afeto, desejo e gozo já que “a esmagadora maioria da humanidade jamais deixa de ser, ainda que nem sempre na mesma proporção, nem tampouco com a mesma extensão, muda unidade vital de particularidade e genericidade” (Heller, 2008, p. 38). No entanto, a individualidade esmorece diante das necessidades, programações e satisfações o que nos distancia cada vez mais da humanização, por isso podemos reafirmar que a vida cotidiana se torna campo propício às alienações.

É importante frisar que a ordem de importância dos conteúdos no interior do cotidiano se modifica de acordo com as estruturas econômico-sociais, portanto a cotidianidade moderna é distinta das anteriores. No moderno, há um abismo entre a produção humano-genérica e a participação consciente do indivíduo visto que as pessoas são levadas a repetir gestos e atos que não lhes pertence nem está sob seu domínio. Assim, “as ações e relações sociais já não se relacionam com a necessidade e a possibilidade de compreendê-las e de explicá-las, ainda que por meios místicos ou religiosos” (Martins, 2008, p. 71-72) e as consequências do que fazemos já não estão disponíveis nas significações de cada ato.

O modo de produção capitalista gestou uma cotidianidade própria, assim o cotidiano já não é mais um espaço-tempo abandonado, deixado às bisbilhotices individuais porque através dele as relações capitalistas penetram na esfera doméstica. Nesse sentido, o capital se reproduz através da expansão das relações sociais que cria um modo de vida, um tipo de consumo e de consumidor, valores e desejos.

A concepção de reprodução advém de um manuscrito de Marx deixado para trás no momento de organização do Livro I do Capital para publicação, entretanto os motivos pelos quais foi abandonado não são conhecidos. O texto só foi publicado em 1933, quando o Instituto Marx-Engels-Lenine, de Moscou, o encontrou no gigantesco *Nachlass* de apontamentos, notas, recolhas de citações e comentários. O fato é que, em suas últimas obras, ele teria desen-

volvido a ideia de produção ao ponto de desdobrá-la, quer dizer, passou de um conceito restrito para um lato, logo tal acepção não se encerra na fabricação de mercadorias, porque designa, de uma parte, a criação de obras (incluindo o tempo e o espaço sociais) e, de outra, a fabricação material. Significa também a humanização do humano e o estabelecimento de vínculos ao longo do desenvolvimento histórico, então envolve o biológico, os utensílios necessários à produção e as relações entre indivíduos e grupos.

O que parece mais relevante é o enfoque sobre os liames já que o capitalismo repõe não apenas as condições objetivas, mas as próprias relações de produção. Tal fato fica evidente no seguinte trecho de *O capital*:

A produção capitalista não é apenas reprodução da relação; na sua reprodução a uma escala cada vez maior e na medida em que, com o modo de produção capitalista, se desenvolve a força produtiva social do trabalho, cresce também perante o operário a riqueza acumulada, *como riqueza que o domina, como capita*; perante ele expande-se o mundo da riqueza como um mundo alheio e que o domina; e na mesma proporção se desenvolve a pobreza, a sua indigência e a sua sujeição subjetivas (Marx, 2004, p. 135, grifos do original).

Em outras palavras, é produção e reprodução do conjunto da relação numa escala alargada, ou seja, recriação numa forma continuamente acrescida não só das categorias tipicamente capitalistas – mercadorias, dinheiro, salário etc., mas do conjunto dos vínculos sociais e históricos.

O essencial é a dialetização, ou seja, tomar aquilo que emerge como totalidade autorreprodutível e que recria as suas próprias exigências e elementos, logo não se trata de descrição dos processos parciais, procriação das crianças, ou de técnicas de organização do trabalho, ou do consumo, mas o estudo das relações de produção. Nesse sentido, a recriação dos meios de produção (força de trabalho e maquinaria) e a alargada (expansão da atividade industrial) não podem ser confundidas com as sociais, pois a última inclui tanto a manutenção das antigas (de produção e de propriedade), como as novas, isto é, aquelas que se desenvolvem no mercado em seu sentido mais amplo, na vida diária, na família, na cidade, também onde a mais-valia global se realiza, se reparte e é despendida, no funcionamento global dos grupos sociais, na arte, na cultura, na ciência e em muitos outros setores, portanto não foi apenas toda a sociedade que se torna o lugar da reprodução, é todo o espaço.

Nesse ponto, acreditamos que a ciência geográfica tem uma contribuição importante à análise porque considera que o substrato espacial não é simplesmente o local onde se reproduz a sociedade e o capital, mas como materialidade (sistema viário, rede de água, luz e esgoto etc.) é condição ao trabalho produtivo, ao lhe possibilitar maior mobilidade. Além disso, compreende que o desenvolvimento de vínculos entre indivíduos e grupos pressupõe a realização da vida humana num determinado tempo e lugar, logo há uma dimensão espaço-temporal concreta da prática social.

Como condição fundamental à produção material do vivido, o espaço adquire caráter de ato histórico, por isso aponta “a perspectiva de compreensão de uma totalidade mais ampla, que não se restringe apenas ao plano do econômico, abrindo-se para o entendimento da socie-

dade em seu movimento, o que muda os termos da análise espacial” (Carlos, 2011, p. 62). Assim, saímos de um conceito estático para uma noção aberta e inacabada de produção espacial, quer dizer, sujeitos, finalidades, formas de apropriação, estratégias, representações e desejos que têm uma base territorial como condição, meio e produto de sua ação.

Desse modo, a premissa é que há uma efetivação espacial da reprodução do capital e da sociedade, passível de ser apreendida no plano cotidiano. Pois:

É no nível da vida imediata, no âmbito do vivido, onde estão as experiências e práticas mais simples que os nexos da formação econômico-social capitalista se estabelecem e provocam as clivagens e separações, ou seja: as separações dos diferentes momentos da vida podem ser traduzidas por uma especialização funcional tanto do emprego do tempo, como do espaço. São as separações que estão no movimento de valorização, aliás nunca concluído, desde que a generalidade do sistema de trocas seja horizonte e paradigma da reprodução da sociedade (Seabra, 2003, p. 229).

Não há só produção das atividades no espaço, mas também produção do espaço o que nos leva a considerar os vários níveis da realidade “enquanto diferenças sociais e econômicas, inerentes a um sistema econômico que se desenvolve a partir da divisão social do trabalho, que tem como projeção espacial a divisão territorial do trabalho” (Damiani, 2006, p. 135). No entanto, as diferentes camadas se entrecruzam no cotidiano que ilumina o qualitativo e simultaneamente assegura os conteúdos quantitativos da ordem mundial.

O bairro “sería el punto de contacto más accesible entre el espacio geométrico y el espacio social, el punto de transición entre uno y otro” (Lefebvre, 1975, p. 200-201), por isso garantimos que é a escala ideal de análise do cotidiano.

O uso da escala

O desenvolvimento do cotidiano ao reunir lugares de trabalho, moradia, lazer e descanso atravessa diversos conjuntos espaciais, daí a dificuldade em selecionar uma escala. O bairro na condição de espacialidade específica da vida foi utilizado como nível de análise, contudo a escolha desse não invalidou os demais (cidade, região e nação), afinal o estudo de qualquer parte da realidade não deve se restringir aos seus limites e somente através do entrecruzamento escalar é que a totalidade se mostra em sua completa diversidade.

Na sociedade moderna, as necessidades são crescentes em função do desenvolvimento das trocas, da divisão do trabalho, do tamanho e crescimento das cidades, do circuito de circulação, logo a família só se reproduz mediante a inserção de seus membros nessa teia ampla de relações sociais. O bairro consiste numa conquista no horizonte da reprodução familiar porque é o ponto de transição entre espaços sociais (qualitativos) e geométricos (quantitativos), ou seja, através dele os indivíduos se integram a um só tempo (o da mercadoria) e numa espacialidade multiescalar e fragmentária.

Ao examinar a literatura acadêmica à procura de tratamentos teórico-conceituais sobre esse fragmento urbano, foi possível localizar uma produção diversificada sobre o assunto. Nas investigações de Lefebvre (1975), Seabra (2003) e Lopes (2006), o tema é enfrentado como

um substrato mais fundo da urbanização, logo a partir dele é possível acessar o decurso por inteiro já que nele se localizam os conflitos entre a ordem do mundo e a próxima.

Embora a temática não seja nova, acreditamos que a nossa discussão traz uma contribuição importante, pois o uso do bairro como escala oferece um aporte metodológico às pesquisas em ciências humanas.

No caso da geografia, a consciência do nível em que se trabalha é fundamental, pois não se consegue executar um estudo em apenas uma gradação. No desempenho da docência, isso se torna mais relevante porque se o professor fizer uma análise no âmbito mundial, sem correlacioná-la ao cotidiano do aluno, a operação poderá permanecer abstrata. E se, ao contrário, examinar o lugar de moradia desconsiderando os vínculos com as dimensões maiores, chegará a explicações restritas e insuficientes à compreensão da totalidade daquele recorte.

O exercício teórico-metodológico entre a plenitude do fragmento e o recorte no todo exige refutar a objetividade geométrica e encarar que a escala não é simplesmente um fato (fração entre as medidas do real e aquelas da sua representação gráfica), mas é um critério de diferença entre espacialidades, então devemos considerá-la no interior da formação econômico-social.

Sobre o uso da escala como parâmetro de distinção, Neil Smith (2000, p. 139) aponta quatro aspectos:

Primeiramente, a construção da escala geográfica é um meio primário mediante o qual “ocorre” a diferenciação espacial. Em segundo lugar, uma compreensão da escala geográfica poderia nos proporcionar uma linguagem mais plausível da diferença espacial. Em terceiro lugar, a construção da escala é um processo social, isto é, a escala é produzida na sociedade e mediante a atividade da sociedade que, por sua vez, produz e é produzida por estruturas geográficas de interação social. Por fim, a produção da escala geográfica é um lugar de luta política potencialmente intensa (Smith, 2000, p. 139).

A criação de diferenciações resulta de relações assimétricas de troca e interessa ao capital porque permite apropriação desigual da riqueza e do poder, então tais desigualdades adquirem expressão espacial e geográfica específica. A escala foi averiguada no seu curso concreto de produção e os diferentes níveis foram concebidos como encaixados e não hierarquizados.

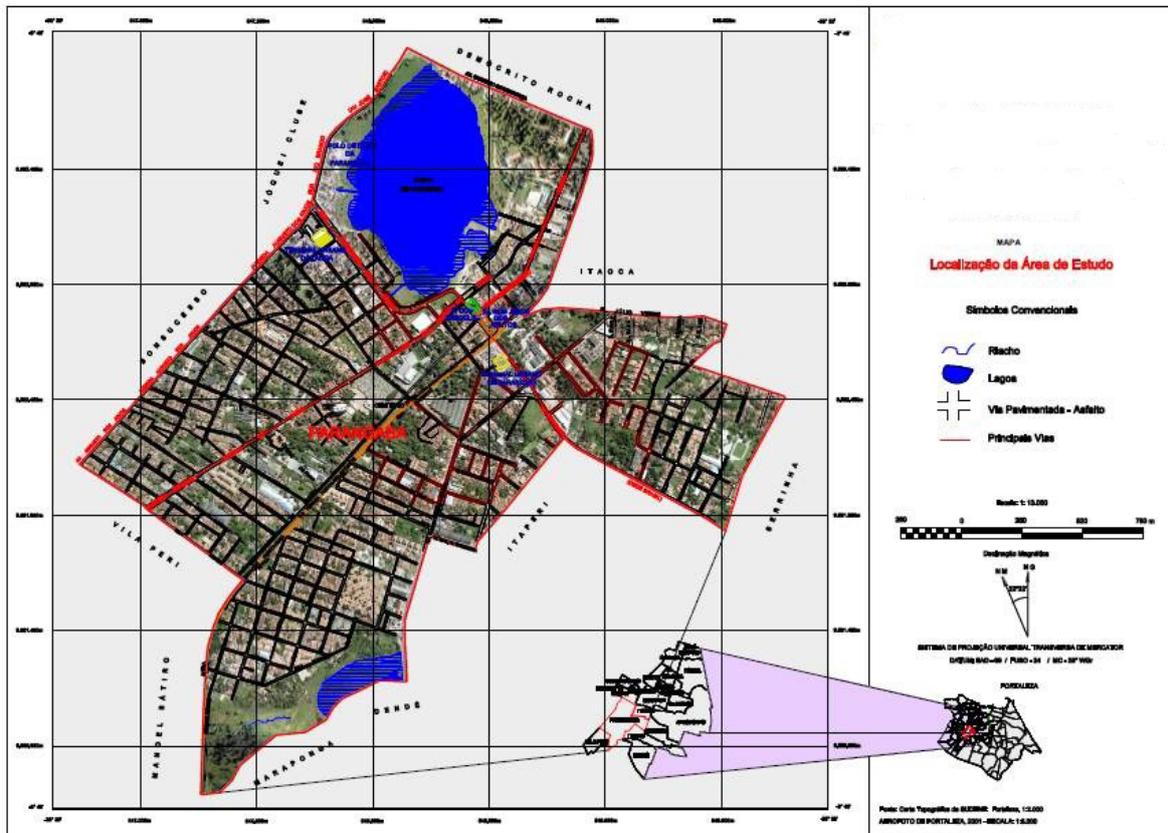
Dessa forma, a realidade bairro é uma totalidade que esconde uma dinâmica própria e onde o cotidiano se torna mais perceptível, por isso na quarta parte deste ensaio apresentaremos o caso de Parangaba.

A escala geográfica

Parangaba foi um antigo subúrbio industrial, engolido pelo tecido metropolitano, entretanto se manteve como polo de convergência/concentração na periferia (Mapa 1). Em virtude da sua localização numa das saídas radiais de Fortaleza, recebeu terminais de passageiros (terminais de ônibus da Parangaba e Lagoa; estação do metrô da linha sul) e tornou-se um ponto de conexão entre o centro da capital e os municípios metropolitanos de Maracanaú e Maranguape.

Mapa 1

Localização da Parangaba, em Fortaleza



fonte: Lopes (2006).

Durante toda a década de 1990, o bairro permaneceu numa certa letargia, já que os elementos que permitiram sua centralidade histórica (indústrias, igrejas, festas religiosas e comércio) entraram em decadência. Numa entrevista, foi nos relatado que a tradicional peregrinação da coroa do Bom Jesus¹ “diminui muito... é... nos anos anteriores, a gente notava que era muita gente acompanhando a procissão. Agora, é pouca gente” (Everaldo, morador da Parangaba, 2006). Apesar da crise dos elementos que constituíam o bairro, submersos pela expansão do tecido urbano, a presença dos pontos de transbordo de passageiros lhe permitiu a condição de porta de entrada e saída de uma população de aproximadamente 1,2 milhão de habitantes com renda anual de R\$ 6,3 bilhões e um poder de consumo anual de R\$ 3,2 bilhões (Fontes, 2012).

Na atualidade, a área passa por uma reestruturação com a conversão de suas antigas fábricas em espaços consumíveis (condomínios residenciais) e para o consumo (centros comerciais e supermercados). Com a finalidade de mudar o perfil terciário do bairro, dois *shopping centers* com investimento estimado de R\$ 420 milhões foram construídos em 2013. O primeiro pertence ao Grupo Marquise, tem previsão de R\$ 444 milhões anuais em vendas, área bruta locável (ABL) de 32 mil m² e com ex-

1 A peregrinação da coroa do Bom Jesus dos Afitos começa com uma missa na igreja-matriz, no segundo domingo de setembro. A seu término, o padre entrega ao povo a santa coroa, iniciando a peregrinação, que dura 15 semanas. No dia 23 de setembro, a coroa retorna à matriz, onde ocorrem uma missa campal e a festa da celebração, e retorna ao altar no dia 6 de janeiro, encerrando-se os festejos.

pansão futura programada para até 42 m². O segundo com 60 m² de ABL é de responsabilidade do Grupo North Empreendimentos Brasil (participação das empresas Ancar Ivanhoe,² Diagonal e Rossi) e fará parte de um complexo que contará com condomínios residenciais de apartamentos (1.314 unidades, medindo entre 48 e 62 m²), hospital e torres comerciais numa área de 180 mil m² (Lopes, 2012).

Dentre as regiões metropolitanas brasileiras, a de Fortaleza tem o sétimo maior potencial de consumo do Brasil e o segundo do Nordeste (North Shopping Jóquei, 2013). Por isso, o seu conjunto metropolitano, seguindo uma tendência nacional,³ tem sido alvo de incorporadoras nacionais que operam com capital aberto em bolsa de valores e centram suas ações no imobiliário-turístico (*shopping centers, resorts, hotéis e condomínios residenciais*). Desse modo, as metamorfoses num determinado fragmento da metrópole precisam ser compreendidas no interior de um processo mais amplo de financeirização do urbano.

Entre 2000 e 2010, a paisagem de Parangaba foi alterada em decorrência da construção de edifícios residenciais de mais de nove andares. Os novos prédios são os condomínios Evereste Torre Nepal (90 apartamentos), Evereste Torre Himalaia (90 apartamentos), Residencial Ilha de Vera Cruz (312 apartamentos), Barcelona (240 apartamentos), Montreal (240 apartamentos) e Atlanta Residencial (116 apartamentos).

Os apartamentos têm praticamente as mesmas características. A área privativa contém três quartos (uma suíte), sala, cozinha, área e banheiro de serviços num total de 60 m². Já a área coletiva integra *playground*, garagem, quadra esportiva, jardim e guarita de segurança. O Condomínio Barcelona e o Montreal Residence são as exceções, pois apresentam duas opções de planta. A primeira segue o modelo predominante nos demais, já a segunda tem área menor de 43,84 m², formada por dois quartos (uma suíte), sala, banheiro social e cozinha.

Em virtude da carência de equipamentos urbanos na periferia de Fortaleza, os anúncios publicitários forjaram a dicção “região da Parangaba” para vender um conjunto de bairros localizados no entorno desse centro periférico. Trata-se da produção de um novo objeto de consumo pelo setor imobiliário, portanto de um signo visto que na sociedade urbana toda mercadoria almeja se tornar uma marca.

Nos anúncios publicitários, o espaço é vendido a partir das possibilidades de conexão e tempo de deslocamento. Observe os trechos abaixo:

Esse empreendimento será construído em uma das áreas mais verdes da cidade, o Jóquei Clube. Lá, você vai estar pertinho do Pólo [sic] de Lazer da Parangaba, um saudável espaço para caminhar, respirar um ar mais puro e passear com a família. Dentre os atrativos, a região oferece: ampla rede de comércio/serviços, vias de fácil e rápido acesso, crescente valorização, Infra-estrutura [sic] de transporte (anúncio publicitário do Condomínio Montreal – Prevcon, 2006).

Tranquilidade [sic], conforto e fácil acesso a diversos pontos da cidade (anúncio publicitário do Atlanta Residencial – Prevcon, 2006).

2 Criada em 1972, a Ancar é uma empresa da área de gestão de *shopping centers* e atua nas cinco regiões brasileiras. Em 2006, se associou à canadense Ivanhoe Cambridge (gerindo mais de 80 centros comerciais no Canadá, nos EUA, no México, na Europa e na Ásia) e passou a se chamar Ancar Ivanhoe.

3 A partir de 2004, as grandes incorporadoras brasileiras abriram capital em bolsa de valores e passaram atuar fortemente nas capitais, em cidades médias e de porte médio.

Tranquilidade [sic] e conforto pertinho do centro (anúncio publicitário do Condomínio Barcelona – Prevcon, 2006).

Além da acessibilidade aos diversos pontos da Cidade (permitida pela infraestrutura de transporte e pelo sistema viário), há uma ênfase sobre a presença de estabelecimentos comerciais e de serviços, proximidade com o Centro e com a natureza.

Reduzido a ponto de intercessão na metrópole, atravessado por estruturas homogêneas, o espaço social aparece residualmente nos relatos do Sr. Vicente:

Nós temos nosso racha tradicional da gente, né? Das pessoas tradicionais da Parangaba. É aqui na Maraponga. Que era aqui em casa, mas se tornou pequeno. Que foi indenizado o terreno, diminuiu. Mas ali tinha um campo da gente jogar bola, e tudo. Pessoal vem de onde 'tá morando. Vem pra cá pra gente sair, jogar bola... depois se distrair, tomar uma cervejinha. Negócio assim. Quando é final de ano, a gente faz uma confraternização (*Vicente, morador da Parangaba, 2006*).

O futebol aos sábados é algo para descontraír, sem muito compromisso, algo que reúne colegas de infância. Em virtude das estruturas demandas pela circulação, não encontra mais espaço na Parangaba e foi deslocado para uma área mais periférica. Morador tradicional é como se define o sr. Vicente frente aos novos moradores dos condomínios verticais, que têm pouca ligação com o bairro.

Assim, paulatinamente o espaço social foi invadido por concepções modernas de viver (no seu conteúdo, estão práticas segregacionistas e necessidades quantificadas) e assim se realizam como signos de consumo. Além disso, a redução de todo bairro a simples ponto de intercessão na metrópole expressa um movimento que busca a produtividade crescente dos lugares no sentido de responder à lógica da reprodução da sociedade e do capital.

Considerações finais

Partimos da premissa de que há das relações sociais e capitalistas uma espacialidade da reprodução apreensível no nível da cotidianidade, já que toda a vida social foi ocupada pela produção mercantil. Do ponto de vista do método, tal proposição nos colocou o desafio de escolher uma mediação, embora reconheçamos que a totalidade se mostra em sua completa diversidade quando fazemos o entrecruzamento escalar. Nesse sentido, as observações sobre o bairro da Parangaba não tiveram o propósito de detalhar um caso particular, mas de mostrar os desencontros que emergiram no interior de uma urbanização capitalista, cujo fim é repor, ainda que criticamente, os fundamentos dessa economia.

No âmbito qualitativo, os espaços desconexos saltam aos olhos, porque foram produzidos noutra temporalidade. O tecido do bairro justapõe fragmentos modernos e pretéritos (estes últimos refuncionalizados, museificados ou abandonados), e o cotidiano foi invadido por novas formas de viver (práticas segregacionistas e necessidades estipuladas). No entanto, essa determinada realidade não é o particular, isto é, perdido no mundo, e sim o diferente, porque surge no embate com a totalidade mundo.

Referências

- CARLOS, A. F. A. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: _____ et al. (Orgs.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 53-75.
- DAMIANI, A. L. Cidades médias e pequenas no processo de globalização: apontamentos bibliográficos. In: LEMOS, A. I. G. et al. (Orgs.). *América Latina: cidade, campo e turismo*. Buenos Aires: Clacso/São Paulo: USP, 2006. p. 135-147.
- _____. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). *Novos caminhos da geografia*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 161-172.
- FONTES, R. Parangaba: shoppings de olho nos 1,2 milhão de habitantes da região. *O Povo, Economia*, 28 abr. 2012. Disponível em: <<http://opovo.uol.com.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2012.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- LEFEBVRE, H. Bairro y vida de bairro. In: _____. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Península, 1975.
- LIMA, L. Patrimônio: bar Avião e estação de Parangaba são preservados após obra de metrô. *Diário do Nordeste, Cidade*, 16 abr. 2014. Disponível em: <<http://diarionordeste.globo.com/>>. Acesso em: 2 jul. 2014.
- LOPES, F. C. R. Fortaleza (CE) vai continuar andando para o leste: suburbanização, ideologia e cotidiano. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- _____. A centralidade da Parangaba como produto da fragmentação de Fortaleza (CE). Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- MARTINS, J. S. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARX, K. *O capital*. São Paulo: Centauro, 2004. Capítulo VI – Resultados do processo de produção imediata. (Inédito.)
- NORTH SHOPPING JÓQUEI. Zona Internet; Working Minds, 2013. Disponível em: <<http://www.northshoppingjockey.com.br>>. Acesso em: 25 jul. 2014.
- PREVCOM, 2006. Disponível em: <<http://www.prevcon.com.br>>. Acesso em: 25 jul. 2014.
- ROCHA, T. Parangaba: Bar Avião passará por reformas. *Diário do Nordeste, Cidade*, 3 abr. 2013. Disponível em: <<http://diarionordeste.globo.com/>>. Acesso em: 22 out. 2013.
- SEABRA, O. C. L. Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão. Tese (Livro-Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES, A. A. *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papius, 2000. p. 132-175.